

## Desenvolvimento & Crescimento Econômico – II

Nilson Pimentel (\*)

05/05/2017

A realidade que vive a Nação Brasileira que envolve o cenário de estagnação do sistema econômico brasileiro, com exceção do segmento agronegócio, haja vista, tratar-se de commodities alimentares, ainda com cotações no mercado externo em alta, poucos são os economistas que criticam as reformas em marcha no Brasil, Terceirização, Reforma Trabalhista, Reforma Previdenciária e de outras reformas de máxima importância que nem foram tocadas nos três poderes da república, tais como: Reforma Tributária, Reforma Política e Reforma do Judiciário.

Entretanto, o que se tem assistido é a ausência de determinados instrumentos de Política Econômica (PE) que possam realmente levar a economia aos caminhos da recuperação e do crescimento econômico e, esta falta tem levado às severas críticas de alguns renomados economistas que não veem ainda nenhum dispositivo ou parâmetros que indique algum caminho dessa recuperação.

Acreditamos que a indução do crescimento econômico pelo consumo que leva ao endividamento das unidades familiares não é e não será a saída para a economia brasileira. Tanto que estamos passando pelo maior desemprego da História Econômica Brasileira recente, com 14,2 milhões de brasileiros sem o emprego formal.

Por outro lado, observados os mecanismos instrumentais de PE vimos que pouco se tem utilizado deles, focando mais nas reformas notadamente, o que por si só não trarão resultados em curto espaço de tempo, todavia a aplicação de outros mecanismos de Política Econômica deveria ser utilizada como forma indutora para destravamento do setor produtivo no curto prazo, principalmente os instrumentos de Política Monetária e de Política Fiscal, pois o que se assistiu bem recentemente foi no sentido contrário à aplicação pelos bancos comerciais da ação de governo em adotar viés de queda da taxa SELIC, provocando o aumento das taxas de juros ofertados a consumo e a empréstimos, de cheques especiais e de cartões de crédito.

Dessa forma, a economia brasileira não sairá tão cedo desse processo recessivo, uma vez que a melhor política social do sistema econômico é a geração de empregos, o que não está acontecendo por aqui.

Com base em estudos da Confederação Nacional do Comércio (CNC), de um lado, com algum resultado positivo, mesmo com toda deficiência de armazenagem que o setor possui, o desempenho mais favorável do emprego é no agronegócio em relação aos serviços, que ainda patinam, estando associado ao aquecimento das exportações desse segmento.

Pois, enquanto a produção industrial cresceu 0,3% no primeiro trimestre deste ano, o preço médio das exportações brasileiras aumentou 21,3% no primeiro trimestre na comparação anual e mais que compensou o recuo da taxa cambial no mesmo período.

Por conta disso, as exportações de commodities básicas cresceram 39,1% no primeiro trimestre, enquanto as vendas externas de semimanufaturados aumentaram 14,9% e de manufaturados, 11,6%.

Nota-se que a atração das exportações na geração do emprego fica nítido no resultado do primeiro trimestre principalmente para a indústria calçadista, o que de acordo com os dados do CAGED, o saldo da geração de vagas do setor somou 19,4 mil no primeiro trimestre, o melhor desempenho entre os segmentos industriais em 2017.

O que se tem notado, demonstra que a geração de emprego em relação ao nível de escolaridade, para vagas no mercado formal favoreceu os trabalhadores mais qualificados.

De janeiro a março foram abertas 63,1 mil vagas para trabalhadores com nível superior completo e incompleto e, quanto à questão salarial, em média, o salário dos trabalhadores menos experientes é 52,5% menor do que o das pessoas com mais de 25 anos de idade com maior escolaridade.

Contudo, os resultados apresentados ainda são negativos acumulados no primeiro trimestre, o que reforça a perspectiva de crescimento de apenas 0,5% para o Produto Interno Bruto (PIB) para 2017.

Quanto ao Polo Industrial de Manaus (PIM), conforme dados da SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus) apresentou os seguintes resultados nesse primeiro bimestre de 2017, faturamento da ordem de R\$ 11,82 bilhões, o que representa um crescimento de 12,19% em relação ao mesmo período do ano passado, que foi de R\$ 10,54 bilhões, que transformado em dólar, o faturamento do bimestre foi de US\$ 3.81 bilhões, significando um expressivo incremento de 45,01% na comparação com o acumulado nos meses de janeiro e fevereiro do ano passado (US\$ 2.62 bilhões).

O resalta nesse período que o acréscimo nesse item decorreu mesmo com a diminuição de postos de trabalho no período.

O PIM apresentou nesse período um total médio de 85.769 empregos diretos, entre efetivos, temporários e terceirizados, um número 1,22% menor que o total de vagas registrado em fevereiro de 2016 (86.554).

Os segmentos de maior significância no PIM quanto ao faturamento nesse bimestre foram o polo eletroeletrônico com R\$ 3,42 bilhões (US\$ 1.1 bilhão) obtendo a maior participação no resultado de faturamento total, respondendo por 28,96%, seguindo estão os segmentos de Bens de Informática, com participação de 19,47%; Duas Rodas, com 14,40%; e Químico, com 11,23%.

Quanto aos setores que apresentaram crescimento na comparação entre o primeiro bimestre de 2017 com o mesmo período de 2016 foram:

- a) Eletroeletrônico (17,27% em moeda nacional e 51,54% em dólar);
- b) Bens de Informática do Polo Eletroeletrônico (26,62% e 63,65%);
- c) Duas Rodas (10,88% e 43,16%);
- d) Termoplástico (13,19% e 46,40%);
- e) Bebidas (30,88% e 68,98%);
- f) Mecânico (66,26% e 114,89%);
- g) Metalúrgico (7,58% e 39,06%);
- h) Papel e Papelão (36,57% e 76,56%),
- i) Vestuários e Calçados (19,06% e 53,76%);
- j) Editorial e Gráfico (30,75% e 69,27%);
- k) Têxtil (42,92% e 84,82%);
- l) Mobiliário (13% e 46,13%);
- m) Beneficiamento de Borracha (11,57% e 44,17%);
- n) Brinquedos – exceto Bens de Informática (52,02% e 96,66%);
- o) Isqueiros, Canetas, Barbeadores Descartáveis (2,73% e 32,75%); e
- p) Naval (92,45% e 149,66 %).

Na avaliação da superintendente da SUFRAMA, economista Rebecca Garcia, “pondera que os indicadores do primeiro bimestre de 2017 sinalizam que o PIM ganha fôlego para iniciar a trajetória de retomada e recuperação econômica. Os dados demonstram que, após um período de oscilação negativa, o PIM começa a se recuperar. Ainda precisamos ser cautelosos, mas inspira otimismo o fato de que esse crescimento está sendo puxado pelos segmentos mais representativos do PIM como Eletroeletrônico, Bens de Informática e Duas Rodas, e com produtos como televisores e telefone celular apresentando crescimento de produção e faturamento”.

**(\*) Economista, engenheiro, administrador, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário: [nilsonpimentel@uol.com.br](mailto:nilsonpimentel@uol.com.br).**